

# A Atuação do Pedagogo no Distrito Federal Instituições Públicas e Privadas

**Dra. Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva**

Profª Adjunta-DE  
katiacurado@unb.br

**Letícia Marinho Eglem de Oliveira**

Acadêmica de Pedagogia/UnB  
leticiaeglem@gmail.com

**Fernanda Andrade Rosa**

Acadêmica de Pedagogia/UnB  
fernandarosaandrade@gmail.com

**Colaboradores:** Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Formação e Atuação de Professores/Pedagogos (GEPFAPE) da FE/UnB, sob a coordenação e orientação da professora Dra. Kátia Augusta Curado Pinheiro Cordeiro da Silva.

## GT: Políticas de Formação, carreira e valorização de profissionais da educação.

**Resumo:** Este artigo foi desenvolvido em espaços escolares/não escolares, em instituições públicas e privadas. Tem como objetivo o estudo da formação e atuação do pedagogo, procurando demonstrar os avanços e dificuldades desta área. Para tanto foram aplicados questionários divididos em quatro categorias. O presente artigo trata especificamente da análise da categoria; *atuação profissional*. As questões referentes a essa temática, buscam entender, por meio das respostas dos entrevistados, as condições/percepções sobre o trabalho e as dificuldades/vantagens em diferentes áreas de atuação e as aspirações dos pedagogos em âmbito profissional. Os dados apontaram que na atuação dos professores ocorre uma contradição, pois estes se sentem satisfeitos com o trabalho e precisam lidar com graves problemas.

**Palavras-Chave:** Formação de pedagogos. Atuação de pedagogos. Análise profissional.

## Introdução

O presente texto integra um estudo amplo e em andamento que tem como proposta de estudo a análise sobre a formação e atuação do pedagogo, explorando espaços escolares e não escolares.

Por meio desse artigo foi possível fazer um levantamento de dados demonstrando os avanços e dificuldades do trabalho do pedagogo, no intuito de delinear uma posição acerca do papel do curso de pedagogia na formação inicial dos professores, levando em consideração três eixos: o domínio de conhecimento, o currículo e as condições de atuação.

Para a realização dessa pesquisa, o questionário desenvolvido e aplicado pelos integrantes do grupo<sup>1</sup>, foi o principal instrumento utilizado. Composto por quarenta e duas questões foi dividido em grandes temas: perfil, formação e currículo, atuação profissional e políticas públicas e carreira.

O estudo em questão discute a análise da categoria; atuação profissional. As questões referentes a essa temática, buscam entender, por meio das respostas dos entrevistados as condições e percepções sobre o trabalho e tratam especificamente das dificuldades e vantagens em diferentes áreas de atuação dessa carreira e as aspirações dos pedagogos em âmbito profissional.

Essa pesquisa, como tido anteriormente, faz parte de um estudo amplo e em andamento proposto pelo Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação e Atuação de Professores/Pedagogos (GEPFAPE). Este grupo é vinculado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB) e ao Departamento de Planejamento e Administração (PAD). Seus integrantes são compostos por professoras FE/UnB e da Universidade Federal de Goiás (UFG), contando também com a parceria dos estudantes de graduação de pedagogia. Tem como objetivo investigar o campo de formação dos professores/pedagogos englobando as dimensões políticas, práticas e as concepções da área.

O caminho metodológico dessa pesquisa ocorreu por meio de três etapas. A primeira tinha como objetivo verificar e conhecer o que foi produzido no meio acadêmico sobre a pedagogia e o pedagogo na formação dos professores. Por meio de uma revisão bibliográfica nas teses e dissertações de mestrado, em periódicos e nas revistas Linhas Críticas foi possível fazer um levantamento das produções que abordassem o tema em estudo.

1. Andréia e Silva Soares, Deise Ramos da Rocha, Gabriella Rosa Andrade, Jovino de Sousa Rodrigues, Karla Cristina de Almeida, Letícia Marinho Eglem de Oliveira, Marta Maria de Sousa Oliveira, Myrian Caldeira Sartori, Pamela Stéfane da Silva, Rayanne Ferreira Lopes, Soraya Tavares de Sousa, Tamara Assunção Saldanha e Virginia Cardoso Silva.

Para conhecer a verdadeira realidade do objeto em estudo, a segunda etapa da pesquisa ficou responsável pela confecção e aplicação do questionário. Por meio dele foi possível coletar dados concretos sobre as diferentes dimensões da atividade docente do pedagogo, o que possibilitou uma reflexão significativa desse profissional e a elaboração de novos conhecimentos sobre o mesmo.

Durante sua aplicação, apareceram algumas dificuldades, uma delas diz respeito à deficiência de encontrar pedagogos em certas áreas não escolares. Quando este era encontrado, somente trabalhava no local um ou dois profissionais. Outro problema diz respeito à devolução do material, muitos entrevistados demoraram a entregar e outros não devolveram. Apesar desses empecilhos, essa fase da pesquisa ocorreu de forma satisfatória e conseguimos aplicar um número expressivo de questionários; cento e oitenta e cinco. Com esse resultado, nosso trabalho obteve uma maior representatividade dos sujeitos elegidos para a pesquisa.

Para a organização e leitura dos dados, houve a criação das tabelas de algumas questões abertas do questionário, elaborando grupos temáticos, convertidos posteriormente em categorias, de modo a reunirmos o máximo possível de grupos, tendo o cuidado de pertencerem a uma mesma categoria.

Como dito anteriormente neste texto, destacamos a análise da categoria *atuação profissional*, buscando entender o dia a dia dos pedagogos, suas dificuldades, vantagens, problemas em relação ao seu trabalho. Passemos, então, para a discussão e análise dos resultados.

## O estudo da categoria atuação profissional

As três primeiras perguntas da categoria atuação profissional, dizem respeito à caracterização do ambiente de trabalho. Nelas são levantados dados sobre a jornada, a natureza e o tipo de trabalho.

De acordo com as respostas, a maioria dos pedagogos entrevistados possui uma jornada de 40 horas (73%) e atuam em instituições públicas (70%) e escolares (73%). Em relação a grande presença de profissionais na rede pública, infere-se que esse fato se dê devido a grande quantidade de escolas públicas localizadas em todas as regiões administrativas do Distrito Federal e entorno<sup>2</sup>.

Uma segunda hipótese seria a estabilidade profissional garantida por um cargo público. Além do que, especificamente em Brasília, a remuneração média dos professores é a mais alta do país<sup>3</sup> segundo a pesquisa realizada pelo sindicato APEOC, Associação de Professores de Estabelecimentos Oficiais Ceará, divulgada no próprio site da organização. O que justificaria uma procura maior dos profissionais pelo espaço público.

Em relação ao tipo de instituição (escolar e não escolar) a predominância da área escolar parece ratificar o movimento histórico no qual os cursos de pedagogia têm assumido quanto à formação de professores para os anos iniciais do ensino fundamental ao longo dos tempos. Como também da presença do pedagogo como supervisor e orientador pedagógico.

Ainda sobre o ambiente de trabalho, a pergunta 27 do questionário revela a opinião dos entrevistados sobre o espaço físico onde exercem suas funções, na qual foi constatado que, a maioria dos pedagogos afirma trabalhar em um ambiente adequado, tendo 84% das respostas dos respondentes.

Essa constatação vai à contramão de estudos que têm identificado à precariedade na qual as instituições escolares do país têm sido encontradas. A exemplo no estudo de Arlene Carvalho de Assis Clímaco, Alfredo M. Gomes, Marcos Corrêa da Silva Loureiro e Walderês Nunes Loureiro.

Nesse estudo, os autores apontam a situação atual, os problemas e os desafios de cada etapa da educação básica. Durante a análise, foi constatado que a educação infantil carece de maiores reformas em sua estrutura física, a maioria dos espaços físicos dessa etapa é advinda do comando de órgãos de assistência social e não possuem salas, banheiros, áreas de lazer específicas para crianças entre zero a cinco anos de idade.

Esse quadro continua (em menor gravidade) com o ensino fundamental e médio. Salas e banheiros em condições ruins, falta de quadras de esportes, falta de equipamentos para a merenda, são alguns dos exemplos encontrados nas escolas públicas do Brasil. Essas condições são apontadas no novo Plano Nacional de Educação- PNE (2011-2020) e foram traçados metas para combatê-las.

Uma hipótese para essa opinião positiva sobre o espaço físico no Distrito Federal seria uma maior verba para as unidades de ensino dessa região e a própria iniciativa das escolas em realizar reformas que são necessárias, com a ajuda da comunidade local.

As questões 26, 28, 29 referem-se ao grau de satisfação do pedagogo em relação ao seu trabalho e se este possui autonomia nas atividades que realiza. A pesquisa mostra que 82% dos entrevistados apontam que possuem liberdade nas suas atividades e apenas 18% não a percebem no exercício profissional desenvolvido.

Esse alto índice de autonomia no trabalho, pode ser justificado pela categoria de instituições onde os pedagogos entrevistados atuam.

2. O Distrito Federal e o entorno, juntos, possuem 641 escolas.

3. Por volta de 3.227,87

Como já apontado nesse artigo, 70% atuam em instituições públicas e 28% em instituições particulares.

Outra hipótese para essa alta porcentagem pode ser explicada pelas exigências que a vida na sociedade atual nos pede. A autonomia é uma condição básica para “sobrevivermos” nessa realidade, pois cada vez mais se necessita de pessoas que sejam criativas, tenham iniciativa e sejam capazes de tomar decisões.

Somente um indivíduo autônomo pode administrar todos esses quesitos fundamentais para viver em sociedade. Isto faz com que ele tenha uma melhor capacidade de comunicação e que veja o mundo de formas diferentes, podendo assim ter atitudes que visam à melhoria da qualidade de vida em sociedade.

Diante de todos esses argumentos, a autonomia<sup>4</sup> é uma ferramenta essencial no exercício da profissão do professor/pedagogo, e sua ausência limita a atuação profissional e prejudica a formação dos seus alunos.

Atualmente o educador que trabalha em instituições públicas de ensino possui uma autonomia relativa referente à execução de seu trabalho, devido à forma como é estruturada a função. Dessa forma, todo professor deveria ter direito de estruturar sua aula. Programas prontos, somente entregues aos professores, limitam sua função, transformando-o em um mero transmissor de conhecimentos, sem avaliar o conteúdo que irá ser ministrado.

Embora os professores apontem que possuem autonomia parece haver uma contradição neste elemento, pois parece indicar uma confusão entre autonomia com liberdade da gestão da sala de aula. Nossa hipótese é que exista uma autonomia relativa, porque o trabalho do professor é regulado externamente na sua essência: O currículo, a avaliação, as políticas públicas/administrativas. Outros elementos do seu trabalho também são afetados por essa regulação.

A prática profissional é determinada por fatores e características individuais dos docentes por isso cada professor ministra uma aula diferente apesar de transmitir os mesmos conteúdos. Sua aula é uma extensão de sua personalidade e formação.

Apesar desses fatores individuais, a prática profissional segue normas pré-estabelecidas por outros professores e também por influência de políticas, questões econômicas e culturais. Dessa forma, o docente exerce sua função de acordo com regulações organizacionais e este muitas vezes não é convidado a participar de sua elaboração.

4. Consideramos como autonomia a independência que o profissional possui para executar procedimentos de sua competência técnica.

Por isso é possível afirmar que os docentes entrevistados possuem uma autonomia ingênua em relação a sua prática profissional, pois esta é burocraticamente contralada o que acaba limitando a sua ação. Sacristán (1995, pág 72) a respeito desse assunto discorre:

“Esta dependência dos profissionais relativamente ao meio socialmente organizado em que desenvolvem o seu trabalho apresenta conflitos manifestos e latentes nos professores, por que nem sempre as exigências coincidem com as interpretações pessoais. E é neste terreno que se detecta o vazio mais preocupante para o desenvolvimento profissional dos docentes, quando se esquece a necessidade de transformar as situações de trabalho como condição para mudar a prática de ensino.”

A tabela abaixo demonstra o grau de satisfação dos pedagogos em relação ao seu trabalho (pergunta 28 do questionário). Mais uma vez, os dados obtidos mostram uma certa contradição, pois revelam uma elevada porcentagem de pedagogos satisfeitos com sua profissão, dado este que não confere com a realidade retratada pela mídia e pelo senso comum. 91% dos entrevistados afirmaram estar contentes com sua profissão, sendo que 57% avaliou sua profissão com a categoria “Bom” e 34% marcaram a categoria “Muito Bom”. Apenas 8% dos entrevistados apresentaram uma satisfação mediana e 2% estão insatisfeitos, optando pelas categorias “Ruim” ou “Muito Ruim”.

**Tabela 1- Grau de satisfação dos pedagogos em relação ao seu trabalho**

Categorias	Quantidade de Respostas	Porcentagem
Muito Bom	62	34%
Bom	102	57%
Médio	14	8%
Ruim	1	1%
Muito Ruim	1	1%

Fonte: GEFPAPe, questionário de pesquisa, 2010.

Aparentemente os professores/pedagogos estão satisfeitos com a escolha de sua profissão, hipótese confirmada pelas respostas coleta-

das por meio do questionário. Nelas avaliam sua profissão e as atividades desenvolvidas de forma bastante positiva.

Entretanto ao serem questionados sobre os aspectos negativos de sua função (pergunta 33 do questionário), a maioria dos entrevistados assinalaram as respostas: Desgaste emocional (35%), desgaste físico (23%) e melhoria salarial (22%). Mais adiante pode-se perceber mais um elemento de contradição nessas respostas, pois esses mesmos professores/pedagogos afirmaram que estão satisfeitos com a profissão que escolheram e ao mesmo tempo, apontam problemas graves dentro de sua função.

O gráfico abaixo resume as insatisfações dos entrevistados em relação ao seu trabalho.

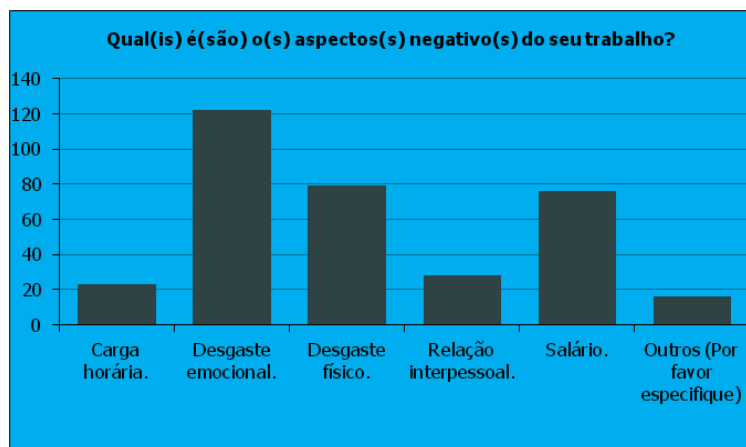


Gráfico 1 - Os aspectos positivos e negativos do trabalho do pedagogo

Na categoria “Outros” as respostas foram diversificadas e também apresentam problemas graves para o exercício da função, tais como: desvalorização do pedagogo, dificuldades relacionadas à formação profissional, condições de trabalho, interferências políticas na instituição e cargo temporário.

Percebe-se que apesar de todos esses problemas apontados pelos próprios entrevistados, eles não são suficientes para tornar suas profissões indesejadas. Há um desejo de melhora nas condições gerais da função, desde o aumento salarial até melhores condições financeiras e materiais.

Mas essas dificuldades não tornam a função ruim. Os professores/pedagogos estão satisfeitos com o seu trabalho devido ao caráter pes-

soal, de realização, do relacionamento que possuem com seus alunos. Todos esses elementos “pesam” mais na hora de avaliar suas profissões do que os problemas apontados.

Essa hipótese é confirmada com as respostas coletadas pela pergunta 32 do questionário (Quais são as vantagens do seu trabalho?). Aqui, 35% dos entrevistados afirmam que a maior vantagem é sua realização pessoal, juntamente com a autonomia oferecida, 23%.

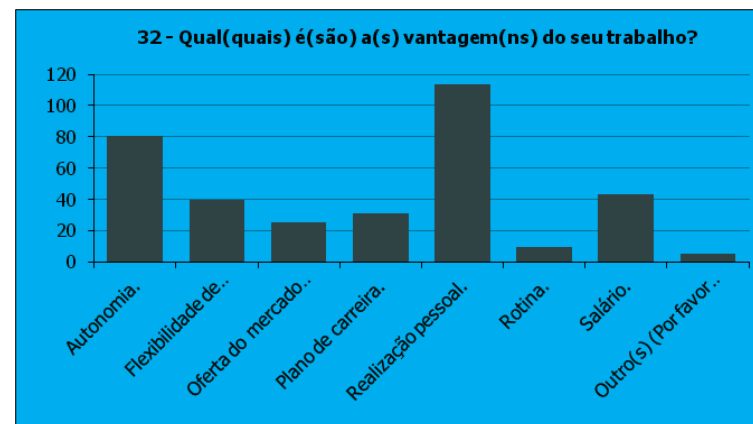


Gráfico 2- Vantagens do trabalho do pedagogo

Porém é importante ressaltar que essa situação de contradição tende a desmoronar, pois o que é investido no trabalho não reflete naquilo que se recebe, como por exemplo, reconhecimento social e condições adequadas de trabalho, levando o profissional a uma tensão emocional crônica.

Sobre essa tensão, Codo, (1999) discute a síndrome Burnout. Ela é caracterizada pela falta de envolvimento pessoal e profissional com o trabalho, perda de sua importância. É causada pela tensão emocional crônica gerada pelo contato intenso com outras pessoas, principalmente aquelas que possuem preocupações ou problemas. Essa síndrome afeta principalmente indivíduos que trabalham com a tarefa de cuidar.

O perfil dos pedagogos entrevistados não entram na síndrome Burnout, mas as suas condições de trabalho apresentam algumas características (já apresentadas) que podem levar esses profissionais a síndrome. Essa realidade precisa ser combatida, pois as suas consequências afetam diretamente a qualidade do ensino oferecido nas escolas e a saúde física e emocional do professor. Sobre isso Codo (1999) afirma que:

“Um trabalhador que entra em *burnout* assume uma posição de frieza frente a seus clientes, não se deixando envolver com seus problemas e dificuldades. As relações interpessoais são cortadas, como se ele estivesse em contato apenas com objetos, ou seja, a relação torna-se desprovida de calor humano. Isso acrescido de uma grande irritabilidade por parte do profissional, este quadro torna qualquer processo de ensino-aprendizagem, que se pretenda efetivo, completamente inviável. Por um lado, o professor torna-se incapaz do mínimo de empatia necessária para a transmissão do conhecimento e, de outro, ele sofre: ansiedade, melancolia, baixa estima, sentimento de exaustão física e emocional.”

Com a pergunta 30 do questionário, “Quanto a sua carreira e aspirações, o que você almeja?” Buscou-se entender quais são os desejos/projetos profissionais dos professores/pedagogos entrevistados. Constatou-se que a maioria deseja uma progressão na carreira (37%), seguida pelo almejo de um aumento salarial (27%). Outra categoria também apresentou um índice elevado, a aposentadoria (14%). Pode-se inferir que alguns entrevistados estão perto de terminar sua carreira na docência e não possuem o desejo de continuar atuando.

Como já foi relatada acima, a maioria anseia por uma progressão na carreira. Pode-se associar esse grande percentual com a segunda resposta mais frequente, aumento salarial. Ou seja, se ocorre uma progressão na carreira logo o salário aumenta. Vários documentos legais como a Constituição Federal de 1988, e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) garantem a criança e ao adolescente o direito à educação e ainda prevê as condições para que essa lei seja cumprida.

Buscando complementar essas leis, o Congresso Nacional estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional por meio da lei nº 9394, a LDB. Esse documento garante padrões mínimos de qualidade para todos os níveis de ensino por meio do artigo 4º, inciso IX. O plano de carreira do magistério está estruturado na forma da lei nº 4.075 de 2007 e apresenta todos os elementos necessários ao exercício da profissão. O documento discorre sobre os conceitos básicos, a estrutura, o ingresso e habilitação, área de atuação e lotação, carga horária, promoção e remuneração da carreira do magistério. Cada elemento que não for cumprido fere a lei e compromete a qualidade do ensino oferecido.

Percebe-se que o (a) professor (a) da rede pública de ensino possui todas as ferramentas necessárias para exercer sua função, mas a realidade

encontrada é bastante distante da prevista por lei. Melhorar os elementos julgados pelos professores nessa pesquisa é uma forma de aprimorar o ensino e o reconhecimento profissional desses trabalhadores.

A pergunta 31 do questionário teve como objetivo descobrir quais são as maiores dificuldades enfrentadas pelos (as) professores (as) para exercer suas funções. As porcentagens mais altas estão na categoria de recursos e falta de interesse do público alvo. Outro problema constatado com a pesquisa refere-se à defasagem na formação profissional.

Apesar de estarem garantidas por lei, as escolas públicas do Distrito Federal e entorno ainda carecem de recursos financeiros e materiais, o que acaba prejudicando a prática do professor, comprometendo em seguida o desenvolvimento pleno do aluno.

Outra questão levantada pelos entrevistados refere-se à formação inicial como uma das dificuldades para o exercício da função. Maia (2009, pág. 115) discorre sobre esse assunto em seu artigo *Trabalho Docente nas Series Iniciais*, para ela:

“... a formação não possibilita a familiaridade com os conteúdos a serem ensinados, assim como também não capacita os professores para lidar com as dificuldades dos alunos. A formação está longe da realidade enfrentada pelos docentes.”

Interligado a falta de preparo para lidar com as dificuldades dos alunos e a carência de recursos, cabe ao professor a difícil tarefa de conquistar o interesse de seus alunos. A falta de interesse do público alvo foi à categoria com a maior porcentagem, 16%. Um caminho para reverter esse desinteresse, seria romper com o modelo tradicional de ensino instituído e abrir espaços para novas técnicas e novos instrumentos de ensino.

A última pergunta da categoria analisada nesse artigo, diz respeito ao nível de reconhecimento social em relação ao profissional pedagogo. O resultado se aproximou mais do que comumente é relatado na sociedade, a maioria dos entrevistados considera que o reconhecimento de sua profissão é ruim (36%), muito ruim (9%) ou médio (30%), totalizando 75% das respostas. Apenas 21% marcaram a opção bom e 4% a opção muito bom.

Essa desvalorização da carreira pode ser explicada pela forma como as professoras percebem e atuam nas escolas. Nos últimos vinte anos foram realizadas pesquisas<sup>5</sup> que tem como objetivo saber a opinião

5. Escutando vozes silenciadas: trabalho, subjetividade e gênero na vida de professoras (2002), Formação do professor de ensino fundamental e médio: opinião de formandos em pedagogia (2002),

das professoras em relação ao seu trabalho. Foi constatado que as docentes acreditam que o processo de ensino aprendizagem dos alunos está baseado em três pontos-chaves: amor, dedicação e vocação. A formação profissional não está sendo considerada como elemento fundamental para guiar a prática docente. A vocação, dedicação e o amor são quesitos suficientes para exercer a profissão.

Essa realidade pode ser encontrada na atuação dos professores/pedagogos entrevistados, pois estes consideram que estão satisfeitos com sua profissão devido à realização pessoal que encontraram em sala de aula. Porém, ao mesmo tempo, apontam que suas formações iniciais não foram suficientes para lidar com o trabalho exigido nas escolas.

Isso acontece, pois parece haver um exagero da afetividade na relação professor-aluno. As professoras assumem diversos papéis como mãe, pai, psicóloga e acabam por esquecer de sua função; transmissora e mediadora do conhecimento.

Essa atitude faz com que a sociedade veja o magistério como uma profissão que não necessita de formação especializada, basta ter vocação e muito amor para dar “conta” do primeiro segmento do ensino fundamental. Essa realidade agrava ainda mais o quadro de desvalorização do docente, pois retira a profissionalidade de sua função.

## Conclusão

Percebemos com a produção desse artigo, que o professor/pedagogo vive em uma constante contradição em relação à função que exerce. Os dados coletados nos permitem afirmar que este profissional possui diversos problemas e dificuldades como: falta de recursos, público-alvo desinteressado, desgaste físico e emocional, desvalorização da profissão, salário incompatível com a função que exerce e um plano de carreira insuficiente.

A contradição constatada diz respeito ao fato de que apesar de todos esses problemas apontados pelos próprios entrevistados, os mesmos se dizem satisfeitos com a profissão que exercem.

Isso acontece devido à relação que possuem com seus alunos e colegas de trabalho. A realização pessoal é alta entre os entrevistados e acaba tornando o ambiente de trabalho agradável, apesar de todos os problemas.

Essa relação está baseada na boa afetividade que possui com os discentes e não no desempenho de sua função, transmissora e mediadora de conhecimentos. Podemos afirmar essa hipótese, pois muitos dos

entrevistados apontaram que sua formação inicial não os ofereceu uma boa base técnica para atuar em sala de aula.

Podemos inferir com esse dado, que a formação inicial dos professores/pedagogos entrevistados, não os prepara plenamente para enfrentar a realidade das escolas. A falta de técnicas específicas da área na bagagem teórica e prática dos alunos é fato preocupante, pois retira desses profissionais a profissionalidade exigida da área, tornando a vocação, o amor e a dedicação elementos suficientes para desenvolver a prática docente.

## Referências

BERNARDINI, Helena Cristina. **Docência: desafios teóricos e práticos da profissão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e Ensinar. Por uma docência da melhor qualidade**. 8ª edição, Cortez Editora, 2001.

BERNADETE, A. Gatti. **Formação de professores no Brasil: Características e Problemas**.

GASPARIN, J. Luiz. **Uma didática para a pedagogia Histórico-Crítica**. 5ª edição, Editora Autores Associados LTDA, 2009.

BRASIL, Distrito Federal. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em 16 de outubro de 2012

BRASIL, Distrito Federal. Lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm). Acesso em 16 de outubro de 2012

Análise Comparativa Salarial- Professores das Redes Estaduais no Brasil. Disponível em <http://www.apec.org.br/extra/pesquisa.salarial.apec.pdf>. Acesso em 16 de outubro de 2012

WANDERLEY, Codo (org.) **Educação: carinho e trabalho- Bornout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar a falência da educação** - Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília : CNTE : Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, 1999.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Coord. António Nóvoa. **Consciência e Ação sobre a Prática como Libertação Profissional dos Professores.** Portugal. Porto, 1999.

SILVA, Kátia Augusta Curado Cordeiro da, ROSA, Sandra Valéria Limonta, CRUZ, Shirleide Pereira da Silva. **Formação e Atuação de Professores: Perspectivas e Trajetos de Pesquisas.**

GOMES, Alfredo M, Clímaco, Arlene Carvalho de Assis, LOUREIRO, Marcos Corrêa da Silva, LOUREIRO Walderês Nunes. **A educação básica e o novo Plano Nacional de Educação.** pág. 69-96.